

## EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA COM CRIANÇAS AUTISTAS

Camila da Silva Rodrigues<sup>1</sup>

Francisco José Fornari Sousa<sup>2</sup>

### RESUMO

**Introdução:** Este trabalho trata da educação física adaptada com crianças autistas nas aulas de educação física. **Objetivo:** Pesquisar o envolvimento da Educação Física no processo de Inclusão Educacional de crianças autistas. **Metodologia:** Pesquisa de campo, descritiva e diagnóstica. Fizeram parte da amostra quatro professores de Educação Física do Município de São Joaquim, SC. Como instrumento da coleta de dados foi utilizado um questionário com 10 perguntas abertas e fechadas. Os dados foram analisados através da estatística básica (f e %) e apresentados na forma de tabelas. **Resultados:** segundo os professores a maior dificuldade é a falta de capacitação e conhecimento para trabalhar com o aluno autista; questionados sobre a necessidade de rever o PPP e o currículo na escola todos os professores responderam “Sim”; 1 professor disse que Não e 3 responderam que Sim, o aluno deficiente atrapalha a qualidade da aula; 3 professores concluíram que uma sala de recursos melhoraria o ensino e na qualidade de atendimento as crianças portadoras de necessidades especiais; segundo os professores todas as escolas deveriam estar aptas a receber crianças com autismo; a capacitação da equipe pedagógica melhoraria na inclusão desses alunos; todos os professores responderam estar preparados para fazer a inclusão; para os professores a escola não está preparada para receber crianças com deficiência. **Conclusão:** Ao analisar os resultados da pesquisa feita através de quatro professores, claramente percebemos como a inclusão tem importância fundamental para esses alunos, pois é através da inclusão escolar que as crianças vivenciam o prazer, imaginação, afetividade, socialização e também suas habilidades motoras.

**Palavras-chave:** Educação Física Adaptada, Inclusão e Autismo.

---

<sup>1</sup>Acadêmica do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST.

<sup>2</sup> Professor do curso e da disciplina de TCC I do Centro Universitário UNIFACVEST.

## ADAPTED PHYSICAL EDUCATION WITH AUTISTIC CHILDREN

Camila da Silva Rodrigues<sup>1</sup>

Francisco José Fornari Sousa<sup>2</sup>

### ABSTRACT

**Introduction:** This paper deals with physical education adapted to autistic children in physical education classes. **Objective:** To investigate the involvement of Physical Education in the Educational Inclusion process of autistic children. **Methodology:** Field research, descriptive and diagnostic. Four physical education teachers from the municipality of São Joaquim, SC, participated in the study. As a data collection instrument, a questionnaire with 10 open and closed questions was used. The data were analyzed through the basic statistics (f and%) and presented in the form of tables. **Results:** according to teachers, the greatest difficulty is the lack of training and knowledge to work with the autistic student; questioned about the need to review the PPP and the curriculum in the school, all teachers answered "Yes"; 1 teacher said No and 3 responded that Yes, the disabled student disrupts the quality of the lesson; 3 teachers concluded that a resource room would improve teaching and quality of care for children with special needs; according to teachers all schools should be able to receive children with autism; the training of the pedagogical team would improve the inclusion of these students; all teachers responded to be prepared to do the inclusion; for teachers the school is not prepared to receive children with disabilities. **Conclusion:** In analyzing the results of the research carried out through four teachers, we clearly perceive how inclusion is of fundamental importance for these students, because it is through school inclusion that children experience pleasure, imagination, affectivity, socialization and also their motor skills.

**Keywords:** Adapted physical education, Inclusion and Autism.

---

<sup>1</sup>Acadêmica do curso de Educação Física do Centro Universitário UNIFACVEST

<sup>2</sup>Professor da disciplina de TCC do Centro Universitário UNIFACVEST

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se da educação física adaptada com crianças autistas nas aulas de educação física. A ideia geral do tema é com que os professores de educação física consigam fazer a inclusão das crianças cm autismo nas atividades propostas na educação física.

Foi desenvolvida uma pesquisa de campo descritiva e diagnóstica. O objetivo o objetivo foi pesquisar o envolvimento da Educação Física no processo de Inclusão Educacional de crianças autistas.

Fizeram parte da amostra quatro professores da rede pública de ensino de São Joaquim. Foi aplicado um questionário com 10 perguntas fechadas.

A importância deste trabalho é refletir sobre a inclusão das crianças autistas nas aulas de educação física, onde elas não precisem ser excluídas das atividades propostas nas aulas.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Educação Física Adaptada surgiu oficialmente nos cursos de graduação, a partir da resolução 3/87 do conselho federa de Educação que prevê a atuação do professor de Educação Física com o portador de deficiência. Assim sabemos que muitos professores de Educação Física nas escolas não receberam conteúdos pertinentes a educação física adaptada ou a inclusão. (PEDRINELLI; VERENGUER, 2004 apud CIDADE; FREITAS, 2017).

A Educação Física Adaptada para os deficientes não se diferencia da Educação Física em seus conteúdos, mas em métodos de formas de organização que podem ser aplicadas ao deficiente. É um processo de atuação docente com planejamento, visando atender às necessidades de seus educandos. (BUENO; RESA, 1995, CIDADE, FREITAS 2017).

A Educação Física Adaptada:

[...] é uma área da Educação Física que tem como objeto de estudo a motricidade humana para as pessoas com necessidades educativas especiais, adequando metodologias de ensino para o atendimento às características de cada portador de deficiência, respeitando suas diferenças individuais. (DUARTE;WERNER, 1995, p.9 apud CIDADE, 2017, p.2).

A Educação Física se constitui em uma grande área de adaptação, a participação das crianças nas atividades físicas adequadas, onde proporcionam que sejam valorizadas e que se integrem num mesmo mundo. A Educação Física quando adaptada ao aluno portador de deficiência possibilita ao mesmo a compreensão de suas limitações auxiliando por uma melhor adaptação. (CIDADE; FREITAS, 1997 apud CIDADE; FREITAS, 2017).

Na escola, os educandos com deficiência baixa e moderada devem participar de

atividades dentro do programa de Educação Física, com alguns cuidados e adaptações. A realização de atividades com crianças, que envolvem jogos, devem ter um caráter lúdico onde a criança aprenda a lidar com seus êxitos e fracassos. Onde a variedade de atividades prevê que o esporte é como auxílio no aprimoramento da personalidade de pessoas portadoras de deficiência (BUENO; RESA, 1995 apud CIDADE; FREITAS, 2017).

[...] as atividades proporcionadas pela EF Adaptada devem oferecer atendimento especializado aos alunos com necessidades especiais, respeitando as diferenças individuais, visando proporcionar o desenvolvimento global dessas pessoas, tornando possível não só o reconhecimento de suas potencialidades, como também, sua integração na sociedade. (DUARTE; LIMA 2003, p. 92 apud STRAPASSON; CARNIEL, 2017, p.11).

A Educação Física Adaptada deve ensinar as crianças as mudanças dentro de si, para isso deve se respeitar a individualidade de cada um, suas diferenças e limitações, trabalhar suas potencialidades, vibrar com suas conquistas, motivá-los a dar novos passos, oferecer oportunidades para que possam desfrutar a alegria proporcionando á prática recreativa e esportiva. (ROSADAS, 1989).

[...] A EF Adaptada é uma parte de EF, cujos objetivos são o estudo e a intervenção profissional no universo das pessoas que apresentam diferentes e peculiares condições para a prática das atividades físicas. Seu foco é o desenvolvimento da cultura corporal de movimento. Atividades como ginástica, dança, jogos e esportes, conteúdos de qualquer programa de atividade física, devem ser considerados tendo em vista o potencial de desenvolvimento pessoal (e não a deficiência em si). (GORGATTI; COSTA, 2005).

A Educação Física ela é aplicada em condições especiais, visando uma população que necessitam de estímulos de desenvolvimento motor e funcional. (ROSADAS, 1994).

A função da Educação Física na escola é educar para compreender, transformar a realidade a partir da especificidade da cultura e do movimento. (GORGATTI; COSTA, 2005).

[...] A Educação Física Adaptada como um programa diversificado de atividades desenvolvimentistas, jogos, esportes e ritmos, adaptado aos interesses, às capacidades e limitações dos alunos portadores de deficiência que não podem participar com sucesso e segurança das rigorosas atividades do programa geral de Educação Física (*Committeon Adapted Physical Education*, 1952). (WINNICK, 2004, apud STRAPASSON; CARNIEL, 2017, p. 10).

## **2.1 Educação Física Adaptada para crianças autistas**

O autista tem o seu desenvolvimento motor quase sempre normal, essas crianças não exploram o ambiente como deveriam, onde fazem parecer diferente dos demais, a importância que a relação da EF pode estabelecer no decorrer das aulas, pois a aprendizagem de uma forma natural detém uma probabilidade de ser desenvolvidas pelos autistas. (SUPLINO, 2005 apud MAROCCO; REZER, 2017).

[...] O Autismo, na maioria dos casos, é uma condição que dura para toda a vida. Os sujeitos com este distúrbio dificilmente podem viver de forma independente;

necessitam sempre da família ou dos cuidados em uma instituição. Assim, cabe a nós profissionais da educação e demais áreas do conhecimento refletirmos e intervirmos mediante estas situações. (MARTINS, PREUSSLER; ZAVASCHI, 2002 apud MAROCCO; REZER, 2017 p.49).

O professor ao trabalhar com uma criança autista, deve ter como objetivo ensinar, onde o ensino é a prioridade, através de uma normalização de convívio social (LABANCA, 2000 apud TOMÉ, 2017).

O professor ao atuar com crianças autistas, deve estar atento a forma de comunicação da criança, o dialogo deve ser reforçado e estimulado com elogios. O reforço e o estímulo deve ser estimulado quando a criança mostrar progresso, após a atividade executada (VATAVUCK 1996; LOPES, 1995 apud TOMÉ, 2017).

A educação de uma criança portadora de autismo representa, sem dúvida, um desafio para todos os profissionais da Educação. A singularidade e a insuficiência de conhecimento sobre a síndrome nos faz percorrer caminhos ainda desconhecidos e incertos sobre a melhor forma de educar essas crianças e sobre o que podemos esperar de nossas intervenções. (MARTINS; PREUSSLER; ZAVASCHI, 2003 apud MAROCCO; REZER 2017).

[...] Os objetivos principais do tratamento e da educação de uma criança com autismo são reduzir os comportamentos mal-adaptativos e promover o aprendizado, principalmente a aquisição de linguagem, do auto-cuidado e de habilidades sociais. (MARTINS; PREUSSLER; ZAVASCHI, 2003 apud MAROCCO; REZER 2017 ).

O autismo é uma doença psiquiátrica rara e grave da infância Síndrome de Kanner autismo infantil caracterizado por um desenvolvimento intelectual desequilibrado, que afeta também a capacidade de socialização (CIDADE; FREITAS, 1997 apud CIDADE; FREITAS, 2017).

[...] O Programa de Educação Física quando adaptada ao aluno portador de deficiência, possibilita ao mesmo a compreensão de suas limitações e capacidades, auxiliando-o na busca de uma melhor adaptação (CIDADE; FREITAS, 1997 apud CIDADE; FREITAS, 2017).

A Educação Física na escola se constitui em uma grande área de adaptação ao permitir, a participação de crianças e jovens em atividades físicas adequadas às suas possibilidades, proporcionando que sejam valorizados e se integrem num mesmo mundo (CIDADE; FREITAS, 1997 apud CIDADE; FREITAS, 2017).

### **3. METODOLOGIA**

Foi realizada uma pesquisa de campo descritiva e diagnóstica qualitativa. De acordo com Andrade (2010), pesquisa de campo é um planejamento geral e específico para a coleta de dados, com um relatório escrito incluindo resultados da pesquisa.

Fizeram parte da pesquisa 4 professores da rede pública de São Joaquim SC. Como

instrumento de coleta de dados, foi aplicado um questionário, contendo dez (10) perguntas fechadas.

Para a coleta de dados segundo Andrade (2010), pode ser utilizado questionários, formulários, roteiros de entrevistas. Sendo perguntas abertas ou fechadas, onde as perguntas abertas dão mais liberdade de resposta e as fechadas indicam três ou quatro opções de respostas, onde já trazem espaços destinados para a escolha da resposta.

Os dados coletados foram analisados através de estatística básica e apresentados na forma de tabela.

### 3.1 Análise e discussão dos dados

Tudo como base os questionários respondidos em relação à primeira questão, qual era a dificuldade encontrada pra se trabalhar com crianças autistas na educação Física apareceram as seguintes respostas:

Segue a descrição das respostas pelos professores:

**Prof. 1:** “A falta de capacitação mais voltada para esses alunos, muitas vezes não sabemos como lidar em determinadas situações.”

**Prof. 2:** “Difícil não se o professor tiver curso de capacitação.”

**Prof. 3:** “Falta de conhecimento e capacitação no assunto.”

Dos 4 questionários respondidos 1 professor não respondeu a esta questão e os demais descreveram que o maior fator é a falta de capacitação e conhecimento.

Segundo Darido et. al (2006, p.1):

A falta de interesse e desrespeito por parte dos alunos também se apresenta com um fator que dificulta a prática da docência em Educação Física entende que os casos de indisciplina não são (ou pelo menos não deveriam ser) responsabilidade exclusiva do professor.

Questionados sobre a necessidade de rever o PPP (questão 2) e o currículo na escola todos os professores responderam “Sim”.

Segundo Libâneo (2004, p.4):

[...] é o documento que detalha objetivos, diretrizes e ações do processo educativo a ser desenvolvido na escola, expressando a síntese das exigências sociais e legais do sistema de ensino e os propósitos e expectativas da comunidade escolar, o projeto político-pedagógico é a expressão da cultura da escola com sua criação e desenvolvimento, pois expressa a cultura da escola, impregnada de crenças, valores, significados, modos de pensar e agir das pessoas que participaram da sua elaboração.

Referente a questão três, se o aluno com deficiência atrapalham a qualidade de ensino, dos 4 questionários apenas 1 professor disse que Não, os demais 3 responderam que Sim.

Segundo Mantoan (2003, p.91):

A escola prepara o futuro e, de certo que, se as crianças aprendem a valorizar e a conviver com as diferenças nas salas de aulas, serão adultos bem diferentes de nós, que temos de nos empenhar tanto para entender e viver a experiência da inclusão!

A questão número quatro pergunta aos professores se é necessário ter uma sala de recursos dentro da própria escola e por quê?

Dos 4 questionários apenas 1 professor não respondeu e os demais 3 concluíram que uma sala de recursos melhoraria no ensino e na qualidade de atendimento a essas crianças portadoras de necessidades.

Sobre o assunto, Mazzaro (2007, p.103) registra:

[...] Os professores tentam adequar suas práticas pedagógicas às propostas de inclusão, porém, faltam-lhes as condições básicas para atender à diversidade, que requer estrutura que a escola não possui. O autor questiona posturas assumidas por autoridades nacionais, pois "as políticas provenientes de países que já superaram, há décadas, problemas básicos, estão longe da realidade brasileira.

Segue a descrição das respostas pelos professores:

**Prof. 1:** “Sim, é importante ter equipamentos para as diferentes deficiências, claro o aluno deve frequentar a classe comum, mas no contra turno recebe atendimento especializado.”

**Prof. 2:** “Sim, por quê melhoraria nosso trabalho, e o ensino seria de melhor qualidade. O aluno seria atendido de acordo com a sua necessidade.”

**Prof. 3:** “Sim, para melhor assessorar o professor e a equipe pedagógica.”

Segundo Volkman, (1999, p. vi):

Acreditamos ser a sala de recursos uma opção viável e segura, capaz de dar aportes para o aluno superar as dificuldades. Dentre as modalidades da educação especial, acreditamos ser essa a menos segregadora, desde que seja realizado um trabalho competente por parte dos professores e da escola. A questão do fracasso escolar ainda deve ser muito estudada e discutida. Portanto, a presente pesquisa precisa ser continuada.

De acordo com a questão número cinco todas as escolas deveriam estar aptas a receber crianças com autismo?

Dos 4 questionários todos os professores disseram “Sim”.

Sobre a questão número seis, que tipo de ação pode ser sugerida, no sentido de tornar eficaz a inclusão do aluno com deficiência na escola regular, aparecem as seguintes respostas:

**Prof. 1:** “Formação para todos os profissionais envolvidos no processo de aprendizagem. Projetos de inclusão aberto para a comunidade.”

**Prof. 2:** “Disponibilizar o espaço e os materiais adequados, para poder trabalhar as diferentes deficiências e incluir os alunos.”

**Prof. 3:** “Capacitação de toda a equipe pedagógica da escola.”

**Prof. 4:** “A escola ao receber o aluno deve preparar o corpo docente para que esse

aluno não sofra preconceito dos colegas.”

Conclui-se que a capacitação da equipe pedagógica melhoraria na inclusão desses alunos.

Segundo Brasil, (1994, p. 4): “Cabe ressaltar que a deficiência é considerada como uma diferença que faz parte dessa diversidade e não pode ser negada, porque ela interfere na forma de ser, agir e sentir das pessoas.”

Segundo a Declaração de Salamanca (1994), para promover uma Educação Inclusiva, os sistemas educacionais devem assumir que: “[...] as diferenças humanas são normais e que a aprendizagem deve se adaptar às necessidades das crianças ao invés de se adaptar a criança a assunções preconcebidas a respeito do ritmo e da natureza do processo de aprendizagem.”

A questão número sete, questionava se o professor está preparado para a inclusão? Todos os professores responderam “Sim”.

Segundo Lima (2002, p.40):

A formação de professores é um aspecto que merece ênfase quando se aborda a inclusão. Muitos dos futuros professores sentem-se inseguros e ansiosos diante da possibilidade de receber uma criança com necessidades especiais na sala de aula. Há uma queixa geral de estudantes de pedagogia, de licenciatura e dos professores: “Não fui preparado para lidar com crianças com deficiência”.

Sobre a questão oito, deve-se fazer a inclusão escolar da criança com deficiência autista? Dos 4 questionários todos os professores responderam “Sim”.

Segundo Klein (2010, p.6):

[...] alega que a palavra “inclusão” tem sido utilizada como jargão na área educacional para marcar as práticas que gostaríamos que fossem mais justas, democráticas e solidárias para com o outro. O ato de incluir vai além da inserção, faz-se necessário tornar o indivíduo parte de um todo, para que o mesmo não seja rotulado e excluído por apresentar comportamentos e características diferenciadas.

Com base na sua experiência profissional, o que você tem observado hoje sobre a realidade da inclusão escolar? (questão nove)

Segue a descrição das respostas pelos professores:

**Prof. 1:** “Vem deixando a desejar, muitas vezes as aulas não são adaptadas, os segundos professores não participam no acompanhamento do aluno. E por diversas vezes nos sentimos perdidos.”

**Prof. 2:** “Na prática as escolas e os professores não estão preparados para receber alunos com deficiência, mas quando um aluno chega na escola vários professores precisam se adequar de melhor maneira possível.”

**Prof. 3:** “Ainda esta a quem do necessário, mas chegaremos lá.”

**Prof. 4:** “Vejo que as escolas ainda não estão totalmente preparadas, é muitas vezes



um problema cultural, o “ novo” e “diferente” ainda assusta as pessoas.”

Conclui-se que a escola não está preparada para receber essas crianças com deficiência.

Segundo Sartoretto (2001) é categórica ao afirmar que educação inclusiva envolve um processo muito amplo de reforma do sistema escolar. Para essa autora, a escola deve abrir espaço para a diversidade humana; os professores devem estar continuamente em busca do aprendizado sobre como se deve ensinar, para que possam proporcionar um ensino de qualidade a todos.

Dos 4 questionários apenas 1 professor não respondeu os demais 3 concluíram que toda a criança tem o direito a educação e oportunidade de atingir o nível adequado de aprendizagem (questão dez).

**Prof. 1:** “Toda criança tem direito á educação e oportunidade de atingir nível adequado de aprendizagem. Lobart 3º fala de igualdade de condições para o acesso e permanência na escola. Portanto aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso á escola.

**Prof. 2:** “Princípio de igualdade de condições para acesso e permanência na escola, princípio que toda criança tem direito a educação e oportunidade de atingir o nível adequado de aprendizagem, a construção de identidade pessoal, social e a igualdade na diversidade, atenção as pessoas com necessidades especiais.”

**Prof. 3:** “Se baseia antes de tudo, no direito de cada indivíduo, estado têm por obrigação de facilitar as possibilidades de educação a todos os indivíduos sem descriminalização, sendo o ensino fundamental obrigatório baseado no direito da criança a não ser discriminada se matricularem no ensino regular.”

Segundo Pletsch e Fontes, (2006), Glat e Blanco, (2007). Educação Inclusiva significa pensar uma escola em que é possível o acesso e a permanência de todos os alunos, e onde os mecanismos de seleção e discriminação, até então utilizados, são substituídos por procedimentos de identificação e remoção das barreiras para a aprendizagem.

#### 4. CONCLUSÃO

Ao analisar os resultados da pesquisa feita através de quatro professores, claramente percebemos como a inclusão tem importância fundamental para esses alunos, pois é através da inclusão escolar que as crianças vivenciam o prazer, imaginação, afetividade, socialização e também suas habilidades motoras.

Portanto é no brincar que proporciona experiências emocionais, motoras, fundamentais para a expressão da criança.

Trabalhar com crianças autistas nas aulas de educação física acaba valorizando todos os educandos, é um meio de os interagir com demais colegas.

A escola deve ser um espaço de aprendizagem para todos, sem discriminação e isto passa por uma formação docente adequada e uma escola com estrutura e material necessário. Sendo assim a Educação Física que esta inserida neste contexto tem sua contribuição neste processo. Conhecer o aluno autista e proporcionar-lhe as possibilidades de se desenvolver é função dos professores e da escola.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **A inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais.**

Deficiência Física. Brasília – DF 2006. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/def fisica.pdf> . Acessado em 20 de novembro de 2017.

CIDADE, Ruth Eugênia; FREITAS Patrícia Silvestre. **Educação Física e inclusão:** considerações para a prática pedagógica na escola Disponível em:

<http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2014/09/INCLUS%C3%83O-PRATICA-PEDAGOGICA.pdf>. Acessado em 15 de maio de 2017.

GORGATTI, M. G; COSTA, R.F. **Atividade Física Adaptada.** Barueri, SP: Manole, 2005.

MAROCCO, Vanessa, REZER, Carla dos Reis. **Educação Física e Autismo:** possibilidades e reflexões através do currículo funcional natural. Disponível em:

<https://www.unochapeco.edu.br/static/files/trabalhos-anais/Pesquisa/Sa%C3%BAde/Vanessa%20Marocco.pdf>. Acessado em 2 de junho de 2017.

ROSADAS, S. C. de. **Atividade Física Adaptada e Jogos Esportivos para o Deficiente.** Eu posso. Vocês duvidam? Rio de Janeiro / São Paulo: Atheneu, 1989.

STRAPASSON, Aline Miranda, CARNIEL, Franciele. **A Educação Física na:** educação especial. Disponível em:

[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/EDUCACAO\\_FISI CA/artigos/EdF\\_Ed\\_Especial.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISI CA/artigos/EdF_Ed_Especial.pdf). Acessado em 25 de maio de 2017.

TOMÉ, Maycon Cleber. **Educação Física Escolar Como Auxiliar no:** desenvolvimento cognitivo e corporal de autistas. Disponível em: <file:///C:/Users/pc/Downloads/MP-2007-158.pdf>. Acessado em 14 de junho de 2017.

VOLKMANN. T. O. D. **Sala de recursos:** uma opção para a superação das dificuldades de aprendizagem. 46 f. Monografia (Curso de especialização em Educação Especial) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, campus de Marechal Cândido Rondon, 1999. Disponível em:

[http://www.unioeste.br/projetos/histedopr/monografias/3turma/Claci\\_Sala\\_de\\_Recursos.pdf](http://www.unioeste.br/projetos/histedopr/monografias/3turma/Claci_Sala_de_Recursos.pdf) acessado 20/11/2017. Acessado em 20 de novembro de 2017.

Sartoretto, M L. M. (2001). **Uma conquista de pais, professores e alunos**. Em M. T. E. Mantoan (Org.), **Caminhos pedagógicos da inclusão: como estamos implementando a educação (de qualidade) para todos nas escolas brasileiras** (pp. 95-134) São Paulo: Memnon. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572005000100010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572005000100010). Acessado em 20 de novembro de 2017.

GLAT, Rosana; PLETSCHE, Márcia Denise; FONTES, Rejane de Souza. **Educação inclusiva & educação especial: propostas que se complementam no contexto da escola aberta à diversidade**. Disponível em: <http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2007/02/a5.htm>. Acessado em 20 de novembro de 2017.

SILVA, Margaret do Rosário. **Dificuldades enfrentadas pelos professores na educação inclusiva**. Monografia de especialização. Disponível em: [http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2487/1/2011\\_MargaretRosarioSilva.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2487/1/2011_MargaretRosarioSilva.pdf). Acessado em 20 de novembro de 2017.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd201/as-dificuldades-pelos-professores-de-educacao-fisica.htm>. Acessado em 27 de novembro de 2017.

KLEIN, R. R. A escola inclusiva e alguns desdobramentos curriculares. In: KLEIN, R. R.; HATTGE, M. D (Org.). **Inclusão escolar: implicações para o currículo**. São Paulo: Pia Sociedade Filhas de São Paulo, 2010. Disponível em: [http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7969\\_6165.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7969_6165.pdf). Acessado em 27 de novembro de 2017.

LIMA PA. **Educação Inclusiva e igualdade social**. São Paulo; AVERCAMP, 2002. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/3103/2224>. Acessado em 27 de novembro de 2017.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003. Disponível em: <file:///C:/Users/pc/Downloads/CasaGrandeR.M.pdf>. Acessado em 27 de novembro de 2017.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5. ed. revista e ampliada. Goiânia: Editora Alternativa, 2004. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Luc%C3%A9lia-Eva-Mezomo.pdf>. Acessado em 27 de novembro de 2017.

MAZZARO, J. L. **Baixa visão na escola: conhecimentos e opiniões de professores e pais de alunos deficientes visuais**, em Brasília, DF. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382012000300009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382012000300009). Acessado em 27 de novembro de 2017.